

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 13 | Nº 37 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7582423>



NOTAS SOBRE A SAÚDE MENTAL NO CAPITALISMO

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Discute-se neste ensaio o adoecimento mental como expressão das condições de exploração capitalistas. Para tanto, utiliza-se a bibliografia sobre o tema, partindo do referencial teórico marxista e de estudos sobre psicologia. Procura-se mostrar como o desgaste físico e mental tem relação com a intensificação da produção e a piora nas condições de trabalho.

Palavras chave: Capitalismo. Saúde Mental. Trabalho.

Abstract

This essay discusses mental illness as an expression of capitalist exploitation conditions. In order to do so, the bibliography on the subject is used, based on the Marxist theoretical framework and studies on psychology. It seeks to show how physical and mental exhaustion is related to the intensification of production and the worsening of working conditions.

Keywords: Capitalism. Mental Health. Work.

O adoecimento mental tem sido um dos fenômenos mais marcantes da sociedade capitalismo, produto das suas contradições e da exploração de classe, que se materializa em ansiedade, estresse, depressão, fobia social, desordens alimentares, automutilação, insônia, entre outras coisas. O massivo adoecimento se dá em meio a um cenário no qual se fala muito na necessidade do “sentir se bem”, o que significaria “se realizar como profissional, pai, cônjuge e cidadão capaz de contribuir efetiva e resignadamente com a sociedade tal como nos é apresentada” (CORBANEZI, 2021, p. 210). Contudo, o fetiche de uma vida feliz, vendido pelo discurso dominante, baseado num certo entendimento de sucesso profissional e de família estável, além de pressionar as pessoas para que almejem alcançar conquistas muitas vezes irrealis, esconde as contradições que levam os trabalhadores a situações de desgaste físico e mental, de sofrimento e adoecimento. Como consequência, constrói-se uma “narrativa de sofrimento” que “individualiza o fracasso, na forma de culpa”, fazendo com que se isole “a dimensão política, das determinações objetivas que atacam nossas formas de vida, redimensionando trabalho, linguagem e desejo, do sofrimento psíquico” (DUNKER, 2021, p. 190).

Na sociedade capitalista, os trabalhadores se veem pressionados pela manutenção ou ampliação da produtividade, exigindo-se que sejam o que se convencionou chamar de profissionais “bem-sucedidos” e, ao mesmo tempo, exigindo-se que se satisfaça com a vida íntima que lhe é proporcionada. No capitalismo,

¹ Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Catarinense (IFC). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



[...] é preciso reinventar-se a cada dia na vida no trabalho, estar em permanente revolução dos processos produtivos. É isso que nos leva a avaliar que uma vida é boa se ela é essencialmente produtiva, agitada, dinâmica, ocupada. É isso que nos leva a sentir, de novo com esse adjetivo, “permanente”, que a vida social só existe em forma de abalos, tragédias, eventos. É isso ainda que produz a certeza diagnóstica de que nosso afeto político fundamental é o desamparo, a insegurança, a angústia (DUNKER, 2015, p. 186).

No sistema capitalista, até mesmo essa vida pessoal está nas mãos do capital, de tal forma a não atrapalhar a produtividade. Portanto, exige-se que o trabalhador alcance a “felicidade”, desde que se mantenha o funcionamento e a manutenção da exploração sobre a força de trabalho.

SAÚDE MENTAL E CAPITALISMO

O tema da saúde mental deve ser entendido como parte da realidade concreta da exploração capitalista. Nesse sentido, associar a saúde mental, por exemplo, apenas a fatores biológicos de indivíduos isolados implica em excluir o seu caráter histórico e social. Os fatores biológicos não se explicam sozinhos, devendo estar articulados à dinâmica histórica e às contradições da sociedade. A vida do ser humano não pode ser determinado apenas biologicamente, afinal ela varia em diferentes épocas, a partir das condições materiais em que cada pessoa produz sua existência. Pode inclusive ter particularidades no interior das diferentes classes sociais em uma mesma época e sociedade, ou seja, em última instância, a forma de produção e reprodução da vida em sociedade determina a existência de diferentes transtornos físicos e mentais.

Nesse sentido, para pensar a saúde e a doença, é fundamental compreender as formas como se organiza o processo de trabalho e de produção de mercadorias e como isso impacta na vida das pessoas; essa compreensão permite entender como se adocece e se morre nas diferentes classes em determinada sociedade. No capitalismo, a burguesia precisa de trabalhadores que produzam mercadorias, ou seja, na lógica capitalista, o que determina ser saudável ou não é a capacidade do sujeito de trabalhar e manter-se produtivo. Marx (2013, p. 342) destacava que o capital não tem “a mínima consideração pela saúde e duração da vida do trabalhador, a menos que seja forçado pela sociedade a ter essa consideração”.

Neste modo de produção, ser ou não saudável está relacionado ao desgaste da força de trabalho. Esse desgaste aponta elementos que extrapolam as análises focadas apenas nas causas imediatas do adoecimento, devendo abarcar também os impactos físicos e psicológicos do processo de trabalho, no médio e no longo prazo, que afetam a vida e até mesmo o cotidiano do trabalhador. O capital, segundo Marx (2013, p. 337-338),



[...] usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção saudável do corpo. Rouba o tempo requerido para o consumo de ar puro e de luz solar. Avança sobre o horário das refeições e os incorpora, sempre que possível, ao processo de produção, fazendo com que os trabalhadores, como meros meios de produção, sejam abastecidos de alimentos do mesmo modo como a caldeira é abastecida de carvão, e a maquinaria, de graxa ou óleo.

Engels, em seu clássico estudo sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra no século XIX, associava o adoecimento às adversidades “a que os operários estão expostos em razão das flutuações do comércio, do desemprego e dos salários miseráveis em tempos de crise” (ENGELS, 2008, p. 141). Essa situação tinha graves consequências para os trabalhadores:

Acontece com frequência que, acabando o salário semanal antes do fim da semana, nos últimos dias a família careça de alimentação ou tenha apenas o estritamente necessário para não morrer de fome. É claro que semelhante modo de vida só pode originar toda sorte de doenças; quando as enfermidades chegam, quando o homem – cujo trabalho sustenta a família e cuja atividade física exige mais alimentação e, por conseguinte, é o primeiro a adoecer –, quando esse homem adocece, é então que começa a grande miséria (ENGELS, 2008, p. 115).

Nos últimos séculos o capitalismo passou por mudanças na forma de organização do trabalho, como respostas às suas crises cíclicas, garantindo a extração da mais valia. Essas formas de organização têm impacto também no cotidiano do trabalhador, como a perspectiva de controle inclusive sobre a vida privada, como é o caso do fordismo. Essa forma de organização do trabalho tinha como objetivo ampliar a produtividade nas fábricas, garantindo uma maior extração de mais valia e, por conseguinte, afetando até mesmo a subjetividade dos trabalhadores. Gramsci (2007, p. 248) apontava que “a racionalização determinou a necessidade de elaborar um novo tipo humano, adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo”. Nas últimas décadas, o que marca mais profundamente o processo de organização do trabalho é o chamado modo de produção enxuta ou Toyotismo (DIAS, 2020; SENHORAS, 2023). Sabe-se que,

[...] sob o toyotismo, a competição entre os operários é intrínseca à ideia de “trabalho em equipe”. Os supervisores e os líderes de equipe desempenham papéis centrais no trabalho em equipe (no caso do Japão, os líderes da equipe de trabalho, isto é, do team, são, ao mesmo tempo, avaliadores e representantes dos sindicatos). Permanece ainda, de certo modo, uma supervisão rígida, mas incorporada, “integrada” – vale salientar – à subjetividade operária contingente. Em virtude do incentivo à competição entre os operários, cada um tende a se tornar supervisor do outro (ALVES, 2011, p. 125).

Essa forma de organização da produção tem como uma de suas características o chamado trabalho flexível, exigindo do trabalhador um maior engajamento no processo de produção, também afetando a sua subjetividade. Nesse processo, observa-se:



[...] a transposição do conflito entre empregadores e trabalhadores para uma *forma de trabalho organizada por projetos*, contratos provisórios ou de extensão limitada, com a consequente migração entre empresas e práticas profissionais ao longo da carreira. Inicia-se uma cultura de “mudança permanente”, de “atualização permanente” e da “flexibilização normativa” que coloca a adaptabilidade funcional e o trabalho em grupo como habilidades altamente desejáveis (DUNKER, 2021, p. 183).

Os trabalhadores também sofrem com o desgaste físico e mental, bem como diante do medo de serem descartados. Marx (2013, p. 246) comentava que, para o capital, “as forças de trabalho retiradas do mercado por estarem gastas ou mortas têm de ser constantemente substituídas, no mínimo, por uma quantidade igual de novas forças de trabalho”. Suas condições física e psicológica, como a idade ou o desenvolvimento de doenças crônicas, podem se tornar um problema para a permanência no trabalho ou para encontrar um novo emprego, correndo o risco de ficar sem qualquer ocupação.

Portanto, para o trabalhador, o desgaste pode significar a expulsão do mundo da produção, afinal a exploração capitalista, ao exigir um determinado padrão de produtividade, seleciona os que suportam a sua intensidade, descartando aqueles que não mais possuem forças para se manterem produzindo dentro das necessidades do sistema. Nesse processo,

[...] a pressão pela capacidade imediata de resposta dos trabalhadores às demandas do mercado, cujas atividades passaram a ser ainda mais controladas e calculadas em frações de segundos, assim como a obsessão dos gestores do capital por eliminar completamente os tempos mortos dos processos de trabalho, tem convertido, paulatinamente, o ambiente de trabalho em espaço de adoecimento (ANTUNES, 2018, p. 142).

Essa é a base na qual se dá o crescimento dos casos de adoecimento mental dos trabalhadores, afetando sujeitos de todas as idades e profissões.

OS TRABALHADORES E SEU ADOECIMENTO

O adoecimento mental pode se manifestar por meio de diversos sintomas e transtornos, normalmente associados entre si, tendo relação com as diferentes formas de organização do processo produtivo. Por exemplo, a fadiga que o trabalhador sente tem relação com diferentes dimensões de sua vida cotidiana, como o deslocamento para o trabalho, as tarefas domésticas que executa, questões relacionadas à sua moradia, o acesso à educação, à alimentação e à saúde, entre outros aspectos. Não é possível analisar esses fatores de forma isolada.

Uma doença que aparece constantemente entre os trabalhadores é a depressão, fazendo com que a pessoa perca a vontade não apenas de agir, mas até mesmo de ter qualquer interação com o mundo que



a cerca. Não se trata de um mero desânimo diante de uma situação adversa momentânea, mas de um estado que se torna frequente ao longo de dias, semanas ou mesmo meses, com implicações físicas e mentais, podendo afetar a pessoas de diversas formas. A depressão não surge por acaso, afinal vive-se

[...] em uma lógica social na qual o constante aprimoramento da eficiência, da produtividade, da autorrealização e do desempenho atua como princípio normativo, restringindo cada vez mais o que define a normalidade (CORBANEZI, 2021, p. 197).

De forma geral, o que se tem é um cenário em que a realidade cotidiana concreta solapa quaisquer ilusões e expectativas. Nesse processo,

[...] o sujeito interpreta adversidades como sinal e permissão para a desistência. Os triunfos são sentidos como derrotas e as realizações, como sinais de insuficiência (perfeccionismo). Isso pode fazer com que o deprimido desista de fazer seu desejo reconhecido. Isso ocorre de forma circular. A falta de dedicação aos sonhos e projetos leva a decepções que confirmam a insuficiência e impotência, reduzindo a autoestima (DUNKER, 2017, p. 225).

Outro transtorno mental que tem sido comum é a ansiedade, que “caracteriza-se por uma preocupação excessiva e global, difícil de controlar e associada a sofrimento ou comprometimento acentuado” (LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2010, p. 133). Esse transtorno é marcado por um intenso sentimento de angústia, em que a pessoa se vê impotente frente a uma realidade diante da qual se sente oprimido. Nesse processo, “a incerteza quanto às verdadeiras razões do sucesso ou do fracasso engendram uma forma de dívida difusa e de ansiedade flutuante” (DUNKER, 2017, p. 199). A ansiedade pode ser caracterizada como uma carga de energia emocionalmente bloqueada, que gera tensões internas e se manifesta por meio de sintomas físicos e emocionais.

Um elemento que se relaciona a todos esses sintomas e transtornos é o estresse. Trata-se de “uma síndrome que atinge corpo e mente e que expressa o caráter totalitário e totalizante das novas implicações objetivas (e subjetivas) da produção do capital” (ALVES, 2011, p. 152). Nesse processo, observa-se um conjunto de reações do indivíduo diante dos problemas com os quais precisa lidar em seu cotidiano, provocando nervosismo, tristeza, apatia, entre outras coisas. O acúmulo desses sentimentos pode provocar uma diversidade de reações fisiológicas e psíquicas, que podem levar a transtornos ainda mais graves. O estresse é uma doença da sociedade marcada pela forma toyotista de organização do trabalho, em que a produção passou por um profundo processo de automatização, em um cenário onde o crescimento das cidades desenvolveu gatilhos que podem estar literalmente em qualquer esquina ou mesmo dentro de casa.



Embora aqui expostas de forma separada, é perceptível que a depressão, a ansiedade e o estresse, entre outras formas de adoecimento, estão relacionados entre si, podendo ser não apenas a causa de uma ou outra, como uma possível manifestação de agravamento. Esses transtornos, como outros tantos, têm sua origem na situação concreta em que as pessoas vivem, tendo “também como pano de fundo, entre outros, o crescente processo de individualização do trabalho e a ruptura do tecido de solidariedade antes presente entre os trabalhadores” (ANTUNES, 2018, p. 143). Essas situações podem afetar física e mentalmente as pessoas, ainda que se busque separar sintomas e doenças de seus contextos, procurando mostrar os transtornos psíquicos como dissociados da realidade concreta e as formas de desgaste físico a eles relacionados como algo desligado da mente. Deve-se ter a clareza de que “essa estratégia de fragmentação do mal-estar dificulta que o sujeito reconheça que seu sofrimento tem uma relação direta com a maneira como ele vive sua vida” (DUNKER, 2017, p. 217).

Uma das respostas mais comuns ao sofrimento e ao adoecimento é o uso de drogas, não apenas como um saída individual, mas também como recomendação de profissionais da área médica. O problema do abuso de drogas não é algo recente. No século XIX, Engels (2008, p. 142) chamava a atenção para a questão do alcoolismo, relacionado isso à situação a que estavam submetidos os trabalhadores:

Todas as ilusões e tentações se juntam para induzir os trabalhadores ao alcoolismo. A aguardente é para eles a única fonte de prazer e tudo concorre para que a tenham à mão. O trabalhador retorna à casa fatigado e exausto; encontra uma habitação sem nenhuma comodidade, úmida, desagradável e suja; tem a urgente necessidade de distrair-se; precisa de qualquer coisa que faça seu trabalho valer a pena, que torne suportável a perspectiva do amargo dia seguinte. Fica acabrunhado, insatisfeito, sente-se mal, é levado à hipocondria; esse estado de ânimo se deve principalmente às suas más condições de saúde, à sua má alimentação e é exacerbado até o intolerável pela incerteza de sua existência, pela absoluta dependência do acaso e por sua incapacidade de pessoalmente fazer algo para dar alguma segurança à sua vida. Seu corpo enfraquecido pela atmosfera insalubre e pela má alimentação requer imperiosamente um estimulante externo; a necessidade de companhia só pode ser satisfeita numa taberna, porque não há nenhum outro lugar para encontrar os amigos.

Esse cenário fica ainda mais complexo na atualidade, diante da massificação e da diversificação dos tipos de drogas. O uso recreativo se consolidou como uma resposta do indivíduo diante dos problemas e dificuldades a que está submetido, fazendo uso dessas substâncias com vistas ao relaxamento ou à distração. Contudo, diante da sua fragilidade psíquica, o consumo de drogas, se mantida sua regularidade, pode levar ao abuso e à dependência. Cabe destacar que

[...] a dependência de substâncias caracteriza-se pelo seu consumo recorrente apesar dos problemas significativos que possa causar. Na dependência, observa-se um desejo intenso e constante de consumir a substância, bem como um abandono dos interesses habituais em favor do uso da mesma. Quando se desenvolve a dependência, o uso de substâncias deixa de ter caráter



meramente recreativo e torna-se compulsivo (LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2010, p. 65)

Esse cenário se torna mais preocupante diante da ampla disponibilidade de substâncias no mercado. Mesmo ilegais, muitas substâncias se mostram de fácil acesso diante de uma complexa rede de tráfico que inclui não apenas os vendedores, mas também empresas que lavam o dinheiro legal e até mesmo bancos e instituições do Estado. Entre as drogas legalizadas, o álcool é a de mais fácil acesso, tendo se tornado parte do cotidiano de muitas sociedades. Além disso, há uma grande quantidade de drogas legalizadas, culturalmente encaradas e vendidas como remédios, que mostram um cenário ainda pior, na medida em que se tornaram as principais formas indicadas por médicos no tratamento para os transtornos mentais.

Em certas situações, o uso de remédios deve ter seu uso recomendado, como um dos aspectos de um tratamento terapêutico mais amplo. Contudo, o que se vê são médicos recomendando de forma indiscriminada remédios, bem como a ação dos mais variados laboratórios, que fabricam todo o tipo de drogas que afetam a mente das pessoas, seja, por exemplo, para animar aquelas que estão em estado depressivo, seja para entorpecer aqueles que sofrem com transtornos de ansiedade. Assim, são criados de forma intencional dependentes de drogas legalizadas, que aceitam esse tipo de tratamento diante da promessa de resposta rápida aos sentimentos de angústia ou mesmo de desespero a que estão submetidos. Se num primeiro momento há uma sensação de melhoria, no médio e longo prazo fica evidente que seu efeito é efêmero e que somente será possível manter esse estado caso se amplie o consumo desses ou de outros medicamentos, levando ao vício.

Portanto, essas pessoas, que sofrem com ansiedade, depressão ou outros transtornos, na busca por ajuda profissional, são jogadas para outra doença, a da dependência química de substâncias que alteram seu comportamento. Isso tem um dupla causa no capitalismo, que, primeiro, leva as pessoas ao adoecimento e, depois, apresenta as drogas como uma resposta positiva, assim criando a dependência. Esse não é um problema individual, que o trabalhador deve encarar sozinho, mas algo que deve ser enfrentado pela sociedade de conjunto. Segundo Engels (2008, p. 142-143),

[...] nesse caso, o alcoolismo deixa de ser um vício de responsabilidade individual; torna-se um fenômeno, uma consequência necessária e inelutável de determinadas circunstâncias que agem sobre um sujeito que – pelo menos no que diz respeito a elas – não possui vontade própria, que se tornou – diante delas – um objeto; aqui, a responsabilidade cabe aos que fizeram do trabalhador um simples objeto.

Muitas pessoas encontram nas drogas, tanto as legais como as ilegais, uma forma de se manter produtivas. Não é incomum que se combinem dois ou mais tipos de remédios para reverter os efeitos um



do outro ou que se consuma álcool ou outras drogas mesmo quando se faz uso de medicação controlada. Diante das pressões da sociedade capitalista, esses trabalhadores são arrastados a alcançar a qualquer custo a produtividade exigida e almejar a felicidade fetichizada, pagando com isso o preço de desenvolver todo o tipo de doenças.

PERSPECTIVAS

Para começar a resolver o problema do adoecimento da classe trabalhadora, não resta outra coisa que não seja atacar sua causa, ou seja, é preciso construir uma nova sociedade, governada pelos trabalhadores, no qual a produção não esteja voltada para o enriquecimento privado. Essa nova sociedade somente poderá ser construída a partir de uma profunda transformação que coloque no horizonte o interesse do conjunto dos trabalhadores, democratizando o conhecimento científico acumulado pela humanidade e utilizando-o para o fortalecimento do conjunto das pessoas.

Contudo, um primeiro obstáculo para que se possa caminhar no sentido dessa solução passa justamente pelo fato de que uma das consequências do adoecimento físico e mental das pessoas é o abandono de quaisquer perspectivas de futuro, optando não por saídas complexas e de longo prazo, mas por soluções mais imediatas (consumo de drogas, saídas individuais, suicídio, entre outras coisas). Não se trata de um erro procurar formas de amenizar os sofrimentos provocados pela sociedade capitalista e sua fábrica de misérias, se dedicando, por exemplo, a formas saudáveis de lazer e distração. Contudo, ao mesmo tempo, é preciso lutar contra uma das mais cruéis consequências do capitalismo, que é a perda do senso de coletividade.

Um novo mundo, no qual o lucro não esteja no centro da organização da sociedade, pode ser um primeiro passo para que as pessoas possam viver uma vida mais saudável. Em meio à perspectiva de construção do socialismo na Rússia, observava que, “quanto mais o tempo de trabalho seja utilizado com consciência, mais a vida do operário se organizará de forma completa e inteligente” (TROTSKY, 2000, p. 35). Um novo mundo precisa ser construído, em que seja possível superar a miséria e o adoecimento, mas, para tanto, é importante que os trabalhadores transformem a realidade e se empenhem na luta por uma nova sociedade, superando, assim, as sequelas que a miséria capitalista nos impõe cotidianamente

REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**: o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.



ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital: São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

CORBANEZI, E. **Saúde mental, depressão e capitalismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2021.

DIAS, M. F. G. “Uberização: reflexos da precarização do trabalho no século XXI”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 10, 2020.

DUNKER, C. “A hipótese depressiva”. *In*: DUNKER, C. A.; SILVA JÚNIOR, N.; PINHEIRO-SAFATLE, V. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Editora Autêntica, 2021.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Editora Ubu, 2017.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; CHENIAUX, E. **Cinema e loucura**: conhecendo os transtornos mentais através do filmes. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

SENHORAS, E. M. (org). **Administração**: Estudos Contemporâneos. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

SILVA, M. G. “Capitalismo, pós-graduação e adoecimento mental”. **Metodologias e Aprendizado**, vol. 5, 2022.

TROTSKY, L. **Questões do modo de vida**: A moral deles e a nossa. São Paulo: Editora Sundermann, 2000.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 13 | Nº 37 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima